

## RECENSÃO

*Gonçalves, A. Custódio (1992) (1997), "Questões de Antropologia Social e Cultural", 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento*

Duas ordens de preocupações atravessam estas "Questões".

As mais relevantes são as de natureza epistemológica e metodológica. De facto, estão presentes logo desde o início, na delimitação terminológica e semântica das cinco áreas da antropologia: biológica, pré-histórica, linguística, psicológica e social e cultural.

Ao definir esta última, o autor enfatiza a perspectiva "integrativa e interdisciplinar" que a orienta na "análise dos modos de produção e de circulação dos bens económicos, das técnicas materiais e culturais, da organização política, social e jurídica, dos sistemas de conhecimento, das representações simbólicas e religiosas, da língua, dos comportamentos e das criações artísticas de uma sociedade" (vid. p. 19). Surgem depois no modo cuidado como Custódio Gonçalves aborda o estatuto epistémico da etnografia, da etnologia e da antropologia (vid. p. 26).

Mas é, sobretudo, no capítulo "Os Modelos Teóricos e Conceptuais" que essas preocupações se plasmam na análise dos modelos teóricos clássicos do evolucionismo e do difusionismo, do funcionalismo, do estruturalismo, do psico-culturalismo, das rupturas epistemológicas e dos paradigmas teóricos emergentes da análise sistémica, da análise cultural e do interaccionismo simbólico. Por último, as preocupações metodológicas, sublinhadas também na análise biográfica e etnobiográfica (vid. p. 105).

As segundas, de natureza cultural, são orientadas pela necessidade de um enfoque contemporaneizante da antropologia. Logo no começo, surgem na definição da estrutura global da obra: "este livro constitui uma tentativa de análise das práticas culturais e dos processos simbólicos, associados à emergência de novas estruturas sociais e de estratégias políticas" (vid. p. 9).

Este mesmo espírito continua presente na admissão de um dos objectivos principais da antropologia como sendo "a interpretação dos processos que constituem, animam ou modificam as estruturas e as objectivações de várias ordens, privilegiando a interacção informacional entre sociedades não-ocidentais e sociedades ocidentais e a identificação do dinamismo próprio de cada sociedade" (vid. p. 21).

Muito interessantes, neste sentido, são as considerações que o autor faz à cerca dos paradigmas teóricos emergentes (vid. p. 63), com os seus conceitos de "comunicação", "relatividade" e "contexto" ou as análises comparativas que produz à cerca das antropologias políticas clássica e contemporânea (vid. p. 160) ou ainda as constatações que assume sobre a actual "multiplicação de análises dos processos de secularização dos ritos sociais e das novas simbolizações do espectáculo político, das festividades cíclicas, dos movimentos ecologistas ou dos movimentos regionais ou locais" (vid. p. 169).

Estamos perante uma obra séria, abrangente da complexidade das questões em causa e exigindo da parte do leitor a memória etnográfica necessária e suficiente à contextualização de muito do seu discurso antropológico.

*Henrique Gomes de Araújo  
Porto, Maio de 1998.*